
TCC/UNICAMP
F916i
1882 FEF/473

RODRIGO PERES DIAS FRIGATO

**A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO INTERPESSOAL ENTRE
PROFESSOR-ALUNO, TÉCNICO-ATLETA NO PROCESSO DE
INICIAÇÃO DESPORTIVA E TREINAMENTO UNIVERSITÁRIO NA
MODALIDADE DESPORTIVA BASQUETEBOL.**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPINAS - 2000**

RODRIGO PERES DIAS FRIGATO



**A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO INTERPESSOAL ENTRE
PROFESSOR-ALUNO, TÉCNICO-ATLETA NO PROCESSO DE
INICIAÇÃO DESPORTIVA E TREINAMENTO UNIVERSITÁRIO NA
MODALIDADE DESPORTIVA BASQUETEBOL.**

Esta monografia é um trabalho final de curso, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes, tida como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Educação Física, na modalidade "Bacharelado em Treinamento e Esportes", da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Roberto Rodrigues Paes'.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPINAS - 2000**

“No fim, tudo dá certo. Se não deu, é porque ainda não chegou ao fim”.
(Fernando Sabino, “Vivência”, em “O Tabuleiro de damas”).

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial ao Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes pelo exemplo de dedicação e interesse na minha orientação.

Agradeço aos meus pais, pelo apoio e confiança em todas as minhas decisões.

Agradeço aos alunos da Escola Municipal de Basquetebol de Vinhedo, e aos atletas da equipe de Basquetebol da Unicamp, por acreditarem em meu trabalho, sem eles esta monografia não se concretizaria.

Agradeço à toda minha família e aos meus amigos da Unicamp e de Vinhedo, que, de alguma forma, sempre me ajudaram.

Agradeço à Deus por ter me dado tanta força em um ano difícil.

Resumo.

Em qualquer área do conhecimento os profissionais estabelecem relações com as pessoas da profissão, o mesmo ocorre com os profissionais da Educação Física, desta maneira, é fundamental para o técnico exercer sua função, estabelecer relações com todas as pessoas próximas ao seu trabalho, e saber alcançar vantagens dessas situações. Técnicos são educadores e devem sempre estar promovendo e incentivando todos os segmentos da sociedade a praticar esporte, em busca de uma melhor qualidade de vida e no campo da pedagogia, ele é o agente principal no processo de ensino aprendizagem do esporte. Um discurso antigo na Educação Física, porém verdadeiro, por sua importância atual, refere-se ao respeito às individualidades. Cada ser humano apresenta-se com um conjunto diferente de características, as quais transportadas para o campo esportivo aumentam a responsabilidade dos técnicos e demais profissionais envolvidos no esporte como por exemplo preparadores físicos e psicólogos, já que devem contribuir para o desenvolvimento das personalidades de seus atletas/alunos. Nesse estudo, em particular, defende-se a posição que, além dos aspectos técnicos, físicos e táticos serem importantes e indispensáveis na iniciação desportiva e no treinamento do basquetebol universitário, outro aspecto que será abordado e desenvolvido é tão importante quanto os demais. Trata-se do relacionamento interpessoal técnico/professor - atleta/aluno, as estratégias utilizadas pelos profissionais de Educação Física para garantirem e manterem um ambiente de trabalho adequado e que oferece aos alunos de iniciação desportiva e também aos atletas de equipes universitárias de basquetebol condições favoráveis para atingirem seu melhor

aproveitamento, individual e coletivo, tanto no âmbito do esporte como no social. Para compor e concretizar essa temática, fez-se necessário a realização de um levantamento bibliográfico sobre o assunto, além de uma interpretação pessoal sobre a experiência do autor. Será relatado e discutido o estágio como professor de iniciação desportiva da Escola de Basquetebol do Município de Vinhedo, e também o estágio como técnico da equipe masculina adulta de basquetebol da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

Sumário

1. Introdução, 9

1.1 Metodologia, 13

2. Origem do basquetebol e a evolução do esporte e seus significados na iniciação e na prática universitária.

2.1 História do basquetebol, 14

2.2 O basquete no Brasil, 17

2.3 A evolução do esporte, 18

2.4 Iniciação desportiva e desporto universitário, 19

3. O professor/técnico e a questão da inteligência interpessoal.

3.1 Conceito, 23

3.2 Inteligência interpessoal - características, fisiológicas, 24

3.3 Considerações da inteligência interpessoal sobre o técnico/professor, 25

4. A relação interpessoal professor-aluno, técnico-atleta: considerações gerais.

4.1 Motivação e ludicidade no âmbito desportivo, 27

4.2 Sucesso e disciplina: como o técnico/professor deve lidar com esses aspectos?, 33

4.3 Reuniões pré e pós treino: um meio de envolver alunos/atletas no planejamento do grupo, 38

4.4 Reformulações e ajustes necessários, 39

4.5 Comunicação interna e planejamento, 41

4.6 A importância do técnico/professor em questões extra quadra, 43

4.7 Atenção e preocupação individualizada no processo de ensino-aprendizagem, 48

4.8 Correção de erros através do reforço positivo, 53

4.9 Insegurança: aspectos relativos à vitória e a derrota no desporto, 54

4.10 Espírito de grupo, 57

4.11 Características do técnico/professor, 60

5. Considerações finais, 65

6. Referencias bibliográficas, 67

6.1 Bibliografia complementar, 68

1. Introdução.

O esporte tem sido objeto de estudo, em diferentes níveis de ensino e também abordado em diferentes dimensões. É possível discutir o esporte desde a iniciação até o profissionalismo, passando por suas funções de ocupação do tempo livre, terapeuta, entre outras.

Os estudos abrangem eixos norteados pela filosofia, metodologia, psicologia, etc. entretanto, um assunto, até certo ponto, pouco explorado refere-se à estudos que buscam compreender melhor a função do professor/técnico desportivo. Esta temática me intrigou e motivou-me a estudá-la, na perspectiva de estabelecer uma linha de análise visando relacionar as funções do técnico e do professor.

As arguições iniciais são: o técnico deve ser professor ou não? ; o que é ser técnico?; o que ser professor?

O técnico deve, necessariamente, ser professor e sobretudo estar preocupado com questões educacionais. Para tal profissão as capacidades técnica, física e tática são essenciais mas não únicas. Outros aspectos também devem ser abordados para auxiliar em uma melhor formação do profissional. Uma filosofia de treinamento é indispensável mas também não é suficiente. O fato de concluir um curso de graduação, seja no Bacharelado de Esportes ou na Licenciatura, e desta forma, portar um diploma ou certificado, além de torná-lo do homem biológico e cultural, satisfaz o aspecto legal. A especialização na área e um aprofundamento nos estudos através de uma pós-graduação, qualificam ainda mais o profissional. Reunindo à essas características a competência de ensinar, se relacionar e intervir positivamente tanto na vida desportiva como na pessoal do atleta/aluno tornam esse profissional um técnico/professor diferenciado.

Em qualquer área do conhecimento os profissionais estabelecem relações com as pessoas da profissão, o mesmo ocorre com os profissionais da Educação Física, desta maneira, é fundamental para o técnico exercer sua função, estabelecer relações com todas as pessoas próximas ao seu trabalho, e saber alcançar vantagens dessas situações. Técnicos são educadores e devem sempre estar promovendo e incentivando todos os segmentos da sociedade a praticar esporte, em busca de uma melhor qualidade de vida e no campo da pedagogia, ele é o agente principal no processo de ensino aprendizagem do esporte.

Um discurso antigo na Educação Física, porém verdadeiro, por sua importância atual, refere-se ao respeito às individualidades. Cada ser humano apresenta-se com um conjunto diferente de características, as quais transportadas para o campo desportivo aumentam a responsabilidade dos técnicos e demais profissionais envolvidos no esporte como por exemplo preparadores físicos e psicólogos, já que devem contribuir para o desenvolvimento das personalidades de seus atletas/alunos.

Nesse estudo, em particular, defende-se a posição que, além dos aspectos técnicos, físicos e táticos serem importantes e indispensáveis na iniciação desportiva e no treinamento do basquetebol universitário, outro aspecto que será abordado e desenvolvido é tão importante quanto os demais. Trata-se do relacionamento interpessoal técnico/professor - atleta/aluno, as estratégias utilizadas pelos profissionais de Educação Física para garantirem e manterem um ambiente de trabalho favorável, oferecendo aos atletas/alunos condições favoráveis para atingirem seu melhor aproveitamento, individual e coletivo.

Na literatura, encontram-se diversos títulos de obras, artigos e textos, além de inúmeras pesquisas, referentes ao treinamento físico,

técnico e tático. Nos dias de hoje outras preocupações vêm surgindo, e já se tornaram objeto de estudo e pesquisa como a psicologia e a nutrição desportiva. Porém, acredita-se que o esporte deva transcender a tudo isso, pois têm interesse em sempre estar ampliando, otimizando e até modificando seus conceitos com o intuito de evoluir e aprimorar seus mecanismos de atuação, seus significados e funções.

A defesa acontece no sentido de promover a discussão de um aspecto ainda pouco trabalhado e tão ausente na literatura, mostrando a posição que o treinamento supera as preocupações e os objetivos do físico, da técnica e da tática. Para o alcance desse nível de excelência de trabalho, que garante o máximo de aproveitamento possível do indivíduo em si e da equipe, e que transforma os profissionais em uma ponte que conduz o atleta/aluno à plenitude da performance desportiva e acima de tudo, à uma vida digna como cidadão, deve-se contar com a maneira mais adequada para a relação professor/técnico com os atletas/alunos, relação que nem sempre é fácil de ser atingida. Portanto, esse estudo discutirá a importância e quais são as melhores estratégias e mecanismos de relação interpessoal que os técnicos/professores devem estabelecer com seus alunos/atletas em diferentes níveis de atuação.

Thomas (1971) *appud* Tubino (1979), reforça a importância da função dos técnicos, adotando a expressão de Maigrot (s/d) *appud* Tubino (1979), na qual os técnicos são caracterizados como os “afinadores” de seus atletas.

Em outras palavras, os técnicos são responsáveis diretos pelo ajustamento individual dos atletas/alunos e pelo ajustamento do grupo.

Devido a toda essa importância ligada ao relacionamento atleta/aluno - professor/técnico, faz-se necessário um estudo mais detalhado e aprofundado sobre o tema. Como embasamento teórico para

iniciar a discussão sobre o tema em questão utilizar-se-á uma relação de recomendações para técnicos/professores, para que consigam um relacionamento adequado com seus atletas/alunos, de acordo com estudos e indicações de Karolczak-Biernacka (1970), Platonov (1971), Pozzi (1975), Hendry (1975) *appud* Tubino (1979). As recomendações, que são citadas no livro “*Metodologia Científica do Treinamento Desportivo*” de Gomes Tubino, serão abordadas de maneira mais ampla e detalhada, e discutidas no enfoque do relacionamento professor/técnico - atleta/aluno tanto na aprendizagem desportiva como no treinamento de uma equipe universitária, outras obras também servirão de embasamento teórico para o desenvolvimento do tema como as de Jackson (1997), Gardner (1995), Lima (s/d), Daiuto (1971), Smoli (1988).

Para que a temática de desenvolva de maneira adequada faz-se necessário caracterizar tanto o desporto basquetebol, no enfoque da iniciação desportiva e do desporto universitário, como também a definição de relacionamento interpessoal.

1.1 Metodologia.

Para compor e concretizar a temática, fez-se necessário a realização de um levantamento bibliográfico sobre o assunto, além de um estudo descritivo da interpretação pessoal sobre a experiência do autor. Será relatado e discutido o estágio como:

- professor de iniciação desportiva da **Escola de Basquetebol do Município de Vinhedo**, no ano de 2000. O trabalho foi realizado no Ginásio Municipal de Esportes de Vinhedo, e contava com a participação de aproximadamente 20 alunos do sexo masculino, de 7 à 11 anos idade. As aulas eram ministradas todas as 4as e 6as feiras, no período da manhã que compreendia das 10 às 12hs.
- técnico da equipe masculina adulta de basquetebol da Universidade Estadual de Campinas **UNICAMP**, no ano de 1999. O trabalho foi realizado no Ginásio Interno da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Participavam das atividades cerca de 15 atletas do sexo masculino, de 18 à 32 anos de idade. As sessões de treino eram ministradas todas as 3as e 5as feiras, no horário das 12 às 14hs.

2. Origem do basquetebol e a evolução do esporte e seus significados na iniciação e na prática universitária.

2.1 História do basquetebol.

Para uma compreensão satisfatória da importância da relação interpessoal professor-aluno / técnico-atleta, é preciso contextualizar o desporto basquetebol quanto o seu surgimento e sua evolução no cenário internacional e nacional, bem como a caracterização desta manifestação no âmbito da iniciação desportiva e do desporto universitário.

James Naismith precisava treinar jovens missionários para suas missões no exterior, onde eles estariam sujeitos a tifoide e a febre amarela, e todo tipo de doença do gênero, e também havia a necessidade de criar uma modalidade desportiva que pudesse ser praticada em ambientes fechados, pelo fato da rigorosidade do inverno americano. Como ele poderia exercitá-los nos longos invernos de Massachussets? Futebol era fácil, mas a temporada acaba, e o que fazer até a primavera chegar? Por isso ele queria um jogo em quadra fechada.

Era a época do cristão-atleta, e a A.C.M.(Associação Cristã de Moços), era o estandarte dessa filosofia. Era uma idéia protestante que vinha dos gregos antigos. Combinavam exercício com desenvolvimento pessoal, atividade física com uma vida moral.

Criado na fronteira do Canadá, Naismith teve um início de vida difícil. Órfão aos 9 anos de idade, ele saiu da escola 6 anos depois e se dirigiu para os campos de lenhadores nas matas canadenses. Ali ele viveu a vida confusa e árdua de um madeireiro. Após 5 anos uma

mudança aconteceu com Naismith, ele voltou à escola como seminarista, mas as coisas tomaram uma direção diferente. Naismith descobriu o *hugby*, sua força de camponês trouxe o sucesso imediato, no entanto, seu amor pelo esporte não era apreciado pelos alunos mais acadêmicos do seminário. “ *O hugby é uma arma do diabo*”, eles diziam, mas Naismith continuava a jogar de corpo e alma. “*Eu jogava com toda intensidade, no entanto, mantinha todo meu controle, então percebi que havia outras maneiras de fazer o bem, além de pregar a palavra de Deus*”. Foi este pensamento que tirou Naismith do seminário e o levou às portas da A.C.M., de Springfield, Massachussets, em setembro de 1890, faltava pouco mais de um ano para a invenção do basquete.

Deve-se lembrar que a intenção de Naismith era de inventar um jogo que, acima de tudo, fosse divertido. É por isso que hoje observa-se pais e filhos nos quintais, jogos nos parques do mundo inteiro, e para os eventos de gala, uma audiência global que chega a centena de milhões de pessoas.

A maior parte dos jogos se desenvolveram através dos séculos, mas o basquete foi inventado por um bloco de genialidade. Por que Naismith acertou tão bem? “*Comecei com a idéia que todos os jogos são jogados com uma bola, e a bola tem que ser grande o suficiente para que um taco não seja necessário, isso tornaria o jogo mais fácil e diminuiria qualquer violência*”, disse Naismith. Houve 2 felizes acidentes no nascimento do basquete: primeiro o zelador não conseguiu achar as caixas que Naismith tinha pedido para usar como gols, por isso ele arrumou duas cestas de pêssegos. Os cestos de pêssegos evoluíram para aros de ferro com redinhas fechadas em 1896, sempre com uma escada por perto para poder retirar a bola de dentro. Em 1898 adotou-se finalmente o formato que conhecemos até hoje. No princípio o basquete

era jogado com bolas de futebol, a primeira bola de basquete só seria inventada em 1894 pela empresa Chicope Falls, em Massachussets. O segundo golpe de sorte foi, que a pista elevada de corrida estava a 3,05 metros de altura. A distância do aro até o chão é uma das coisas que não se alterou desde a invenção do basquete. No início não se podia driblar, não existia o quicar da bola pelo atleta, somente se podia passar para conseguir o objetivo a cesta. O basquete era jogado com uma variação de 3 a 40 participantes para cada lado da quadra, dependendo das dimensões da mesma.

O primeiro jogo ocorreu em 1892, dentro da quadra da própria ACM, e foi aberto à público de mais ou menos 200 pessoas. Nesse jogo, os alunos venceram os professores pelo placar de 5 a 1.

Para o estabelecimento de qualquer jogo são necessária regras, e estas foram publicadas em 15 de janeiro de 1892 no boletim da entidade em que o professor Naismith trabalhavam, eram 13 regras. Estas regras foram alteradas para dinamizar o jogo, a mais fiel a elas é a NBA (National Basketball Association), porém união atlética amadora só as formalizou em 1896.

O basquetebol masculino foi introduzido nas Olimpíadas no ano de 1936 (Berlim), apesar de terem sido feitas tentativas dessa inclusão desde o ano de 1928. Já o feminino só começou a ser disputado nas Olimpíadas de Montreal, em 1976.

O primeiro Campeonato Mundial de Basquete Masculino foi disputado em Buenos Aires, em 1950. Já o primeiro campeonato sul americano de basquete masculino foi disputado em Montevidéu, no período de 7 a 14 de dezembro de 1930.

O primeiro campeonato sul americano feminino foi disputado no Chile, em 1946.

Hoje em dia, o basquete é considerado um dos esportes mais difundidos no mundo, em grande parte devido à influência da NBA, principalmente nos jovens. Mais do que isso, se constituiu numa fonte de marketing e propaganda impressionantes, através do suporte da mídia televisiva.

2.2 O basquete no Brasil.

Em 1896, o basquete foi introduzido no Brasil através de Augusto Sham, então professor do Mackenzie College, em São Paulo. Anos mais tarde ocorreu a difusão do esporte, através da ACM, porém com o jogo restrito aos funcionários. Henry Sims, professor do ginásio da Quitanda, no Rio de Janeiro, projetou-o nacionalmente em 1912.

As primeiras regras oficiais do jogo foram traduzidas em 1915, por uma Comissão composta dos Srs. Itagiba R. Novaes, D. F. Moutinho, Eswaldo M. Rezende, Victor A. Auguste e Henry J. Sims, as quais foram publicadas em um catálogo da então Casa Stamp, em 1916.

O primeiro campeonato disputado no Brasil, que também foi o primeiro disputado na América do Sul, foi organizado pela ACM do Rio de Janeiro, em 1915.

O primeiro campeonato brasileiro masculino foi disputado em 1925, no Rio de Janeiro, sagrando-se campeã a equipe carioca; participaram apenas as equipes paulista e carioca e os resultados dos jogos foram os seguintes: 1º jogo - cariocas 17 x 10 paulistas; 2º jogo - cariocas 27 x 15 paulistas.

No setor feminino, o primeiro campeonato brasileiro foi disputado em 1940, sendo campeãs as paulistas.

2.3 A evolução do esporte.

De 1891, onde precisava-se de escadas para retirar a bola dos cestos de pêssegos, para os dias de hoje em que existem tabelas com alta tecnologia, aros retráteis, ginásios com capacidade para mais de 50 mil pessoas, contendo neles lojas desportivas, teatros, salões para eventos, etc; não só o basquetebol, mas o fenômeno esporte passou por diversas mudanças e evoluíram de forma significativa. Hoje comprovadamente, o jogo está mais competitivo, exigindo melhor condicionamento físico dos atletas em função dos conhecimentos alcançados pela ciência do esporte e pelo desenvolvimento das inovações técnicas e táticas, além de outros aspectos que envolvem o treinamento. Sendo assim, o basquetebol como tanto outros esportes, fomenta discussões e é objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, como psicologia, metodologia científica, treinamento desportivo, etc.

A maior mudança é que o esporte deixou de ser uma prática singular. Um dos desafios metodológicos mais significativos está em compreender o esporte como um fenômeno sócio-cultural e desenvolvê-lo, considerando sua pluralidade de manifestações, significados, ações, ambientes e personagens. Sua prática deverá ainda estar atrelada a valores e modos de comportamento indispensáveis a uma melhor educação dos alunos envolvidos no processo.

Esta evolução levou o esporte a apresentar uma diversidade nos seus aspectos de desenvolvimento, comportamento, rendimento, saúde, cognição, motivação, entre outros; fazendo com que cada indivíduo vivencie o esporte por razões e sentimentos distintos.

2.4 Iniciação desportiva e desporto universitário.

No Brasil encontram-se diversas manifestações do fenômeno desportivo basquetebol, representadas pela recreação, manutenção da saúde, treinamento desportivo, socialização, etc. Para cada uma dessas abordagens faz-se necessário uma intervenção que atenda as necessidades e exigências individuais de seus praticantes, respeitando o contexto em que se está inserido e qual o objetivo da prática em si.

O desenvolvimento de atividades referentes à iniciação desportiva acontece tanto em clubes como em prefeituras em quase todo o país. Os objetivos que sustentam este trabalho diferem-se entre si. Por exemplo muitos clubes desenvolvem atividades relacionadas ao basquetebol, patrocinados por segmentos do mercado, visando a participação em ligas e federações, e apostando na formação de talentos desportivos, bem como na elevação do nome da instituição desportiva. Nas prefeituras municipais o objetivo é outro, o desenvolvimento do esporte apresenta uma característica de socialização, participação, bem estar físico e mental; não obstante a essas características pode-se encontrar também prefeituras com a meta de incorporar determinado esporte ao município e criar uma ligação mais intensa com ele no âmbito da participação no esporte de alto rendimento, um exemplo disso é a cidade de Franca, que há bastante tempo é conhecida como sendo a "terra do basquetebol".

No que diz respeito à iniciação desportiva tanto clubes quanto municípios elencam determinados objetivos como sendo diretamente ligados ao praticante, como o seu desenvolvimento físico, técnico, tático, psicológico, moral, social, recreativo, etc.

Como este trabalho é caracterizado como sendo um estudo descritivo sobre um relato de experiência, torna-se pertinente apresentar

qual o modelo de esporte a ser desenvolvido na Escola Municipal de Basquetebol de Vinhedo. A proposta de aulas sugerida para os alunos se baseia no modelo de esporte educacional explicada pelo Prof. Roberto Rodrigues Paes (1996):

“O esporte educacional é uma atividade humana que, como meio de desenvolvimento integral do indivíduo, de socialização e de sua promoção; bem como meio de manutenção da saúde, do desenvolvimento da auto-estima, do auto-conhecimento, e da auto-superação, dentre outros aspectos, desenvolvendo-se com ênfase no processo educacional, como forma do homem se entender e se fazer no mundo, no âmbito dos sistemas formais de ensino ou fora deles; tem por finalidade precípua a formação do homem e da cidadania, tendo como seus princípios constitutivos a totalidade, a co-educação, a cooperação, a emancipação, a participação e o regionalismo”. **(definição de esporte educacional utilizado pelo Programa Esporte Educacional. Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto - INDESP, p.84).**

O basquetebol, como já foi mencionado, não se restringe a um só enfoque, pelo contrário, é amplo o seu campo de atuação e as áreas de intervenção e interação sobre ele são diversas. Neste estudo, para a concretização adequada do tema, também será dado igual importância ao basquetebol universitário.

A política desportiva vigente na atualidade não privilegia esta manifestação do esporte, por esta razão o desporto universitário é pouco ou quase nada divulgado e desenvolvido em nosso país. A importância

deste conteúdo é deixada de lado até mesmo em faculdades de Educação Física, ao contrário de muitas universidades do exterior, como o exemplo clássico do desporto universitário norte americano. A carência de estudos sobre este tema é extremamente relevante para despertar interesse em pesquisar e apresentar discussões sobre o assunto.

Apesar de tantas dificuldades em desenvolver o desporto universitário como falta de apoio até mesmo da própria faculdade, existem universidades que desenvolvem de maneira competente esta proposta. O processo seletivo dessas faculdades permite a adesão de bolsas de estudo para atletas, incentivando a prática do esporte aliada a importância do ensino acadêmico para a formação do cidadão. Utilizam-se desse fato para promover o nome da universidade, fazendo uma analogia referente à seus atletas, os jovens que cursarem tal faculdade serão vencedores em sua área de escolha como são os atletas que a representam. Atribuindo um aspecto de jovialidade, determinação e comprometimento com a instituição de ensino.

Este não é o caso da equipe que será analisada neste estudo. Os atletas em questão não recebem qualquer tipo de recompensa financeira ou bolsa de estudos, praticam o basquetebol por outros interesses que não diz respeito ao financeiro, e que serão apresentados no desenvolvimento do tema.

A equipe universitária masculina adulta de basquetebol que servirá de objeto de estudo para este trabalho representa a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no período que diz respeito ao ano de 1999.

Assim como a iniciação desportiva o desporto universitário será enfocado na análise do relacionamento interpessoal técnico-atleta /

professor-aluno, a importância em manter um ambiente favorável para a consolidação dos objetivos propostos.

3. O professor/técnico e a questão da inteligência interpessoal.

3.1 Conceito.

A inteligência interpessoal é apresentada por Howard Gardner (1995) sendo baseada:

“(...) numa capacidade nuclear de observar e fazer distinções entre outros indivíduos; em especial contrastes em seus estados de ânimo, temperamentos, motivações e intenções”. (p. 27)

Examinada em sua forma mais elementar, a inteligência interpessoal acarreta a capacidade da criança pequena de discriminar entre os indivíduos ao seu redor e detectar seus vários humores. Numa forma avançada, o conhecimento pessoal que um adulto experiente leia e interprete as intenções e desejos - mesmo quando forem ocultados - de muitos outros indivíduos e, potencialmente, hajam em cima deste conhecimento - por exemplo, influenciando um grupo de indivíduos díspares comportar-se ao longo de linhas desejadas. Vemos formas altamente desenvolvidas de inteligência interpessoal em líderes políticos ou religiosos, por exemplo Mahatma Gandhi, pais, professores e terapeutas.

Esta inteligência também pode ser observada no âmbito desportivo onde podemos citar como exemplo o consagrado Phil Jackson 7 vezes campeão da NBA, seis vezes como técnico do Chicago Bulls e uma vez como técnico dos Los Angeles Lakers.

3.2 Inteligência interpessoal - características fisiológicas.

Todos os indícios na pesquisa do cérebro sugere que os lobos frontais desempenham um papel importante no conhecimento interpessoal. Um dano nessa área pode provocar profundas mudanças de personalidade, ao mesmo tempo em que não altera outras formas de resolução de problemas - a pessoa geralmente “*não é a mesma*” depois de um dano desses, como explica Gardner.

A doença de Alzheimer, uma forma de demência pré-senil, parece atacar as zonas cerebrais posteriores com uma ferocidade especial, deixando as computações espaciais, lógicas e linguísticas severamente prejudicadas. No entanto, os pacientes com Alzheimer frequentemente continuam com uma aparência bem-cuidada, socialmente adequados e se desculpam constantemente por seus erros.

A evidência biológica da inteligência interpessoal inclui dois fatores adicionais, geralmente citados como exclusivos dos seres humanos. Um dos fatores é a prolongada infância dos primatas, incluindo o estreito apego à mãe. Nos casos em que a mãe é afastada do desenvolvimento inicial, o desenvolvimento interpessoal normal fica seriamente prejudicado. O segundo fator é a relativa importância da relação social para os seres humanos. As habilidades como caçar, perseguir e matar, nas sociedades pré-históricas, exigiam a participação e a cooperação de grande número de pessoas. A necessidade de coesão, liderança, organização e solidariedade no grupo decorre naturalmente disso.

3.3 Considerações da inteligência interpessoal sobre o técnico/professor.

Se o objetivo deste estudo é conscientizar sobre a importância do relacionamento interpessoal técnico-atleta / professor-aluno, faz-se necessário apresentar e conceituar a inteligência interpessoal que servirá de ferramenta indispensável no processo para atingir um relacionamento interpessoal desejado e adequado aos indivíduos envolvidos na discussão.

O profissional da Educação Física deve possuir conhecimento sobre esse tipo de inteligência, e como todas as outras inteligências, deverá esforçar-se com dedicação e interesse em aperfeiçoar e ampliar sua própria inteligência interpessoal, afim de promover positivamente seus atletas e alunos individual e coletivamente, como desportistas e também como cidadãos.

No tópico subsequente será apresentado um conjunto de aspectos fundamentais para o desenvolvimento competente e eficaz do relacionamento interpessoal. A atenção e interesse dispensados sobre o tema têm a intenção de despertar em técnicos e professores a importância de uma dimensão desportiva que nos dias atuais ainda é pouco valorizada e explorada e que pode servir de instrumento na busca de condições favoráveis para a otimização do trabalho proposto.

O relacionamento interpessoal, como será tratado a seguir, representa uma via de ensino-aprendizagem de mão dupla, o técnico/professor não é o agente e responsável exclusivo pelo cumprimento ou não das metas, é através das constantes trocas, interações e intervenções junto ao grupo que se conseguirá traçar um caminho e um ambiente favorável em busca de um crescimento

profissional e como cidadão tanto por parte de técnicos e professores como de atletas e alunos.

4. A relação interpessoal professor-aluno, técnico-atleta: considerações gerais.

4.1 Motivação e ludicidade no âmbito desportivo.

Gomes Tubino (1979), conceitua motivação em Treinamento Desportivo como:

“(...) um conjunto de fatores e condições necessárias para mobilizar a disposição de um atleta ou uma equipe para determinadas ações”. (p. 357)

Para o desenvolvimento da motivação em alunos e atletas, identificam-se 2 tipos distintos de estímulos: os estímulos internos (ambição pessoal, características pessoais, desejo de superação, etc); e os estímulos externos (prêmios, publicidade, popularidade, destaque no meio social, etc). O uso adequado dos estímulos internos e externos é uma missão dos técnicos/professores, embora, acredita-se que, o desenvolvimento da motivação interna, faz com que o indivíduo prolongue o desejo em perpetuar em determinada atividade, principalmente nos momentos que se depara com alguma dificuldade (lesões ou queda do desempenho).

A análise da prática desportiva diz que, atletas corretamente motivados treinam com grande aplicação durante toda a época, com bom aproveitamento e progresso evidente, sem que seja necessário recorrer a concessão de recompensas ou prêmios especiais. Isto é possível a partir de um reforço da motivação por intermédio da atuação direta do técnico/professor que não tem necessidade de utilizar prêmios materiais, como é lamentavelmente frequente no desporto moderno.

Quando trabalha-se com crianças principalmente na iniciação desportiva, faz-se necessário e indispensável a intervenção motivacional do professor em relação aos seus alunos. A cada incentivo, o aluno sente-se mais confiante e motivado em continuar a atividade, mesmo quando sente dificuldade em ultrapassar determinados obstáculos impostos pelo professor, como a aquisição e aperfeiçoamento de novos fundamentos técnicos. Ao transmitir indicações técnicas para correção de um erro, deve-se começar por realçar algo que tenha sido bem executado, ou seja, nesse momento a via do reforço positivo torna-se uma ferramenta importante para o aprendizado. Esta via positiva, envolve a utilização do elogio e do encorajamento, no sentido de fortalecer, reforçar e influenciar o tipo de comportamento desejado.

Um dos principais reforços da motivação reside essencialmente na aprovação e no elogio que o técnico/professor expressa e declara em relação a tudo que o atleta/aluno apresenta nos treinos e jogos.

Na iniciação desportiva, em especial, a afirmação de Teotônio Lima (s/d) torna-se bastante importante:

“A aprovação do treinador adquire uma importância psicológica e um alcance pedagógico que não podem ser ignorados na formação dos jogadores. Se um jogador resolve bem um situação de jogo, se executa corretamente uma ação tática ou técnica, ou ainda se destaca por comportamento excepcional, o treinador deve demonstrar a sua aprovação por forma a que o jogador se aperceba dessa aprovação e de modo a que seja testemunhada pelos companheiros de equipe. Muitas vezes basta o gesto de “sim com a cabeça”.
(p.31)

Uma simples expressão como: muito bem! Está melhorando! Isso mesmo! Reflete de forma muito positiva nos alunos. Tais intervenções fazem com que estes não desanimem na atividade desportiva que estão iniciando.

Uma estratégia motivacional interessante para ser utilizada nas aulas de iniciação é o implemento constante do caráter lúdico, pois através deste mecanismo de ensino consegue-se cultivar um ambiente sempre alegre e agradável, desprendido de tensões e cobranças exageradas. Um exemplo disso é iniciar o aquecimento utilizando algumas brincadeiras e jogos adaptados, contendo neles os fundamentos que serão desenvolvidos na parte principal da aula, como um pega-pega com passes ou com drible, onde tais fundamentos serão aperfeiçoados na aula. Uma brincadeira de pega-pega, que as crianças estão acostumadas a fazer no seu colégio ou nas brincadeiras com aos amigos na rua, trabalha de modo divertido e eficaz o fundamento do domínio do corpo, pois esta atividade contém os requisitos de: parada brusca, saída rápida e mudança de direção.

Outro aspecto positivo em trabalhar frequentemente com o caráter lúdico, é que este desperta nos alunos mais precocemente o lado afetivo de cada um deles. A partir desse momento cria-se um vínculo de amizade e companheirismo indispensável para a educação das crianças. Muitos dos alunos quando iniciam a atividade desportiva chegam de suas casas já trazendo um perfil individualista, que pode-se entender que seja natural nesta idade. Se o professor tem como proposta de trabalho um caminho autoritário, de cobranças e comparações entre os alunos para atingir seus objetivos, e semeia no ambiente desportivo um clima excessivamente tenso e desprovido de atividades de grupo onde um aluno para realizar determinado exercício depende do auxílio de seu

companheiro, ou seja, a participação e a ajuda mútua são indispensáveis, ao invés de unir e propor uma atitude afetiva entre as crianças, ficará mais evidente e exacerbado a característica individual e de distanciamento dos alunos. Em decorrência desse fato é preciso introduzir a manifestação lúdica nas aulas como instrumento para proximidade, afetividade e espírito de grupo, pois o basquetebol é um jogo coletivo e é de fundamental importância entender o trabalho em grupo, ou seja o trabalho cooperativo.

Além da proposta afetiva através de atividades lúdicas as aulas devem conter sempre atividades novas, motivantes e divertidas, afim de ampliar e enriquecer o repertório motor e cognitivo da criança. Contudo, não se deve desprezar as atividades que já estão incorporadas no seu ambiente, neste caso, cabe ao professor observá-las e selecioná-las, fazendo delas, num momento oportuno, um aliado à aprendizagem.

A utilização do caráter lúdico nas aulas não deve ser privilégio exclusivo da iniciação desportiva, é um equívoco acreditar nos seus benefícios somente neste caso. Na preparação de uma equipe universitária, o caráter lúdico não pode ser dispensado, apenas por se tratar de um trabalho com adultos. Muitas atividades lúdicas podem ser incorporadas ao treinamento, sem que este perca sua característica e objetivo. Essas atividades auxiliam o técnico a tornar o ambiente mais descontraído, favorecendo o convívio entre os atletas e deles com o próprio técnico. Por participarem juntos de situações divertidas e descontraídas, isso faz com que aumente a proximidade e a afetividade entre eles, prevenindo possíveis disputas pessoais e inimizades. Um clima tenso, exaustivo e de disputas constantes pode tornar o treinamento um sacrifício para o atleta, desmotivando-o da prática.

O ensino da técnica que, Go Tani (1997) define como:

“(...)algo objetivo, cujas especificações podem ser manifestas através da fala, da escrita, ou seja, das palavras, também pode ser interpretada como uma informação disponível de antemão sobre a maneira de realizar um determinado comportamento ou alcançar determinado objetivo; e da tática, que segundo Boucherin é a totalidade das ações individuais e coletivas dos atletas de uma equipe, a qual está organizada de um forma racional dentro dos limites do regulamento e da desportividade, e cujo objetivo é conseguir a vitória levando-se em conta, por um lado as qualidades e particularidades dos atletas, e por outro, as condições dos adversários; aliada ao desenvolvimento das capacidades físicas como velocidade, força, resistência, flexibilidade, coordenação, etc.” (p.34)

São fundamentais e indispensáveis de serem trabalhadas, mas o papel do técnico deve transcender as dimensões do ensino tático, técnico e físico. Nesse caso, em particular, os atletas não recebem salário nem bolsa de estudos por jogarem basquetebol, jogam pelo simples prazer e amor ao esporte, desta forma cabe ao técnico interferir de maneira positiva entusiasmando cada atleta em particular, para que se sinta sempre motivado e entretido de alguma forma na tarefa que está realizando. Valendo-se de recursos de outras áreas, como os da psicologia, o técnico transmite à seus atletas melhores condições para um desenvolvimento integral do indivíduo, e não exclusivamente do seu rendimento no âmbito desportivo.

A variável que corresponde à oferecer aos atletas melhora no rendimento desportivo aliado a um ambiente de desenvolvimento pessoal agradável, e que por sua vez, proporciona um relacionamento saudável entre atletas e comissão técnica, torna-se também um motivador essencial ao trabalho.

A participação em eventos é um determinante motivacional indispensável, tanto na aprendizagem desportiva como no treinamento de uma equipe universitária, é responsabilidade do técnico/professor fazer com que seus atletas/alunos sintam possibilidades de sucesso na competição. A programação de competições em que os atletas/alunos tenham uma certa expectativa, isto é, nem contra adversários fáceis, nem contra adversários muito superiores, ou seja, há a necessidade de um nível de aspiração, é fator essencial à motivação individual e da equipe.

Na aprendizagem, o fato de toda aula finalizar com um coletivo já é suficiente para animar e entusiasmar os alunos. Neste período, pode-se realizar "festivais" internos ou jogos amistosos com equipes convidadas, aumentando ainda mais a motivação de todos. No treinamento de equipes universitárias, faz-se necessário jogos amistosos constantes, além de pequenos torneios (internos e externos), e alguns eventos de maior expressão, como os jogos universitários.

A introdução dos alunos/atletas nos eventos, em ambos os casos, afloram nos atletas/ alunos um espírito saudável de disputa e superação, que é decisivo como caráter motivacional.

Proporcionar no ambiente de trabalho, independente se, na iniciação ou no treinamento universitário, um clima agradável, de amizade e coletividade, influi positivamente na decisão dos atletas/alunos em prolongar o interesse e a motivação na atividade física que se pratica.

4.2 Sucesso e disciplina: como o técnico/professor deve lidar com esses aspectos?

A disciplina é fator essencial na relação entre técnico/professor e atleta/aluno, no que diz respeito à metas a serem alcançadas. Não se deve confundir disciplina com autoritarismo, transcrevendo-a como sendo um conjunto rígido e intransponível de regras impostas pelo técnico/professor, e que se não forem cumpridas à risca, submete o atleta/aluno à duras penalidades. O conceito de disciplina deve permitir à todos a exposição de idéias, deveres, direitos e limites ao grupo, sendo assim, possibilita de maneira organizada e responsável o cumprimento do programa de treinamento visando os objetivos desejados.

A forma mais adequada de implantar um conceito disciplina não é ser autocrático, mais sim trabalhar com os atletas/alunos dando-lhes uma responsabilidade cada vez maior na elaboração de seus respectivos papéis.

No início de cada trabalho deve-se deixar claro a todos que o caminho que leva ao êxito desportivo é longo, trabalhoso e nada fácil, requer persistência, força de vontade e acima de tudo disciplina.

Faz-se necessário entender que cada segmento do esporte encara o êxito desportivo de maneira diferenciada. No mundo milionário do basquetebol da NBA (National Basketball Association), o êxito desportivo representa o máximo da performance tática, técnica e física, onde os objetivos estão traçados na busca de resultados e conquistas permanentes afim de elevar o "*status*" individual e o nome da equipe. O esporte neste caso torna-se um mercado de consumo e gira em torno dos milhões de dólares que os atletas recebem de seus patrocinadores

anualmente, o interesse mercadológico de grandes marcas como Nike, Reebok, Gatorade entre outras é quem sustenta esse ambiente.

Por outro lado, no âmbito da iniciação desportiva e do treinamento universitário o êxito desportivo tem outros significados como a manutenção da saúde, apreciação do esporte, participação integral de todos os envolvidos na atividade, espírito de grupo, autoconfiança, superação, socialização e formação integral do indivíduo como cidadão. Todos esses objetivos devem estar bem claros para o aluno/atleta para que não ocorram falsas esperanças de que a formação está exclusivamente voltada para o descobrimento e aperfeiçoamento de grandes atletas, e de que todos, sem exceção chegarão a esse nível de performance. É fato, que também não se deve descartar tal possibilidade, pois mesmo em se tratando de uma situação pouco comum, isso poderá eventualmente acontecer, mas tal objetivo não deve nunca superar as preocupações citadas acima.

Para atingir integralmente, ou em grande parte, todas as metas propostas é necessário o cumprimento de determinadas regras estabelecidas pelo grupo, onde pode-se citar a obediência do horário em que o atleta/aluno deve estar presente no ginásio para o início de reuniões, treinamentos, ou jogos, devidamente trajado para as atividades. Horário este, que o técnico/professor deve cumprir rigorosamente, servindo de exemplo aos atletas/alunos. Qualquer atraso ou falta, que poderá vir a acontecer eventualmente, deve ser justificado por ambas as partes em função do respeito aos demais colegas.

O comportamento dentro do vestiário em momentos que antecedem uma competição não deve deixar de integrar às normas adequadas, visto que não é permitido admitir atitudes impróprias, cabendo ao técnico/professor definir regras de conduta que deverão ser

respeitadas. Superestimar ou subestimar os adversários são enganos que frequentemente são flagrados no ambiente desportivo. Um mecanismo que é bastante eficaz nesses casos é o respeito que se deve ter pelo adversário, seja ele mais forte ou mais fraco. No âmbito universitário o “superestimar” uma equipe adversária pode gerar uma ansiedade e uma tensão exageradas sobre o jogo, comprometendo o desempenho individual e conseqüentemente o desenvolvimento do grupo, reduzindo performances técnicas, táticas e físicas, pois os atletas encontram-se nesse caso bastante pressionados e nervosos, ou seja, os níveis de ansiedade dos atletas apresentam-se alterados. A característica de subestimar o adversário também é tão pouco válida no desenvolvimento do treinamento universitário. Quando isso acontece a equipe comporta-se de maneira desrespeitosa perante o seu adversário, atuando de forma exibicionista e pouco produtiva no que diz respeito ao cumprimento da proposta definida para o jogo. Em alguns casos a displicência dos atletas pode ser tanta, que o produto final dessa atitude é a sucessão de muitos erros considerados “infantis”, conseqüente a esse fato a equipe adversária encosta no placar, ou até mesmo vence jogos contra oponentes muito superiores pelo fato de encarar o jogo com seriedade e determinação.

Atitudes pertinentes ao subestimar ou superestimar adversários podem gerar no atletas reações ainda mais graves, como por exemplo posturas antidesportivas. Pode-se caracterizar esse comportamento através da atitude de um atleta de agredir verbal ou fisicamente um companheiro ou um adversário, em ambos os casos cabe ao técnico agir de maneira firme e justa quando se depara com essa situação. Uma alternativa em busca de extinguir esse comportamento negativo é expor ao atleta através da comunicação verbal ou exemplo prático que tal

atitude só faz acrescentar aspectos negativos para si próprio como o nervosismo e a falta de respeito com o próximo. Esses exemplos já são mais que suficientes para fundamentar o discurso do técnico, que deve ser realizado com a finalidade de demonstrar sua preocupação com a formação desportiva e pessoal do atleta, e não de maneira agressiva e igualmente desrespeitosa, servindo apenas de punição e prejudicando o relacionamento interpessoal técnico-atleta.

É de responsabilidade fundamental de técnicos e professores, a implementação de uma atitude firme e segura da equipe encarar à adversários mais ou menos fortes com o mesmo respeito e seriedade de sempre. O caminho mais indicado para se chegar à esse objetivo é desenvolver essa característica desde a iniciação desportiva através de conversas e exemplos práticos em aulas e jogos. Os atletas/alunos que se respeitam e respeitam o seu técnico/professor deverá fazê-lo igualmente com os seus adversários.

Independentemente da sua própria conscientização o técnico/professor, quer queira ou não, é um educador, e se não se assume a si próprio como tal a sua contribuição na formação dos jogadores será sempre e a longo prazo profundamente negativa. Aliás, o professor/ técnico deve ser o maior exemplo, dentro da equipe, de disciplina e respeito em relação aos demais.

O técnico/professor não tem o direito de prejudicar a saúde do jogadores, de perturbar o equilíbrio do desenvolvimento dos jovens ou de subverter a formação da personalidade dos jogadores. A manutenção do bem estar dos jogadores, a nível físico, emocional e psicológico é um problema de responsabilidade do técnico/professor e não deverá ser imputada ao médico, ao psicólogo ou ao dirigente da equipe.

Segundo Moacyr Daiuto (1971):

“ O conselho de que muitos valem “Faça o que eu falo e não faça o que eu faço” é um verdadeiro absurdo e simplesmente intolerável pelos alunos na infância ou na adolescência ou na fase adulta, pois é sabido que se ensina mais com o exemplo do que com as mais positivas recomendações.

O professor que exige respeito dos seus alunos e quase nenhum respeito demonstra por eles, provoca-lhes o desrespeito e a indiferença”.(p.69)

Nem todas as atividades propostas agradam obrigatoriamente à todos os atletas/alunos, muitas delas são repetitivas e num primeiro momento desinteressantes. Em virtude disso, o técnico/professor deve discutir cada passo de seu planejamento frente a equipe, mostrar a importância dessas atividades e alertá-los que só através de um cumprimento integral do programa é que poderão alcançar os objetivos identificados no início do planejamento como sendo os mais importantes, quer seja realizar corretamente um fundamento técnico, despertar a autoconfiança, manter a saúde ou vencer determinada competição.

Todo trabalho desenvolvido é fundamentado por um conjunto de regras e conceitos que devem ser respeitados e cumpridos por atletas/alunos e técnicos/professores. O técnico/professor deve demonstrar e exigir disciplina através de suas conversas, exemplos e atos. Todos os integrantes do grupo devem ser tratados da mesma forma, sem qualquer tipo de distinção, do mais velho ao mais novo, do mais ao menos habilidoso e assim por diante. O comportamento de cada atleta/aluno não deve se diferenciar dos demais, no que diz respeito à

obediência dessas regras e conceitos, o que é permitido para um é permitido para todos e o que é proibido para um também é para todos.

Todos sem exceção, devem se submeter a trilhar o rumo traçado para a equipe, com união e igualdade de direitos e deveres, inseridos no conceito de disciplina, pois essas variantes influenciarão de maneira relevante na obtenção do sucesso do trabalho desenvolvido.

4.3 Reuniões pré e pós treino: um meio de envolver alunos/atletas no planejamento do grupo.

O técnico/professor deve procurar envolver seus alunos/atletas no planejamento pretendido para a equipe, um procedimento fortalecedor para esta situação se concretizar pode ser reuniões no início e término de cada atividade. Essas reuniões visam dar conhecimentos aos mesmos dos objetivos a serem atingidos e quais os mecanismos que o levarão até eles.

Antes de cada sessão de treinamento, o professor/técnico deve expor aos seus atletas/alunos, tudo o que será trabalhado neste dia, explicando detalhadamente cada atividade proposta e respondendo de forma esclarecedora e sucinta à todas as perguntas. Nesta pequena reunião o professor/técnico mostra os objetivos imediatos e os de longo prazo que a aula se propõe a cumprir.

Na aprendizagem o primeiro fundamento técnico a ser desenvolvido é o domínio do corpo, então, neste caso, explica-se aos alunos que nesta aula será trabalhado o domínio do corpo (objetivo imediato), que servirá de base à todos os outros fundamentos à serem aprendidos e aperfeiçoados (objetivo de longo prazo), para o cumprimento de tal tarefa o professor pode utilizar-se de diversos

instrumentos pedagógicos como brincadeiras, jogos e exercícios analíticos.

Quando em uma sessão de treinamento de uma equipe universitária, trabalha-se posicionamento de defesa individual, o objetivo imediato é o aperfeiçoamento deste tipo de defesa, e partir do momento que isto estiver bem desenvolvido e assimilado pelos atletas vêm o objetivo de longo prazo, que pode ser, nessa situação, o contra-ataque rápido.

A recordação da aula anterior e uma breve explicação de como será a aula subsequente também são muito importantes, pois demonstram aos atletas/alunos a preocupação do professor/técnico com a organização e o funcionamento ótimo de suas aulas.

4.4 Reformulações e ajustes necessários.

Ao iniciar as sessões de treinamento, o técnico/professor deve reunir os atletas para as explicações sobre o trabalho a ser começado e sobre os reajustes e reformulações necessárias. Quando planeja-se uma sessão de treinamento, deve-se estar cientes das possíveis alterações que possam vir a ser necessárias no decorrer da prática. O professor/técnico analisa determinada situação, e se perceber que uma modificação é coerente para otimizar e aumentar a qualidade do trabalho desenvolvido, este deve tomar a decisão da alteração.

Na iniciação desportiva, algumas das atividades propostas, num primeiro momento, não são bem recebidas e desagradam os alunos, levando à sua desmotivação momentânea. São atividades de caráter repetitivo, afim de aperfeiçoar ou corrigir um determinado gesto técnico. Isso acontece decorrente ao cumprimento de um programa elaborado de

atividades afim de solucionar as tarefas propostas. Sendo reconhecido o caráter lúdico como um fator imprescindível de motivação, principalmente no período de desenvolvimento das crianças, servindo de aliado altamente eficaz no processo de aprendizagem, sempre que possível, deve-se dar preferência a esse tipo de doutrina, sem menosprezar o valor dos exercícios analíticos. É através da interação eficaz desses mecanismos de ensino, que o professor atinge as condições favoráveis para o desenvolvimento de seus alunos.

No treinamento universitário, novamente faz-se necessário, em algumas circunstâncias, modificações na sessão proposta, em virtude do surgimento de variáveis não identificadas no planejamento. Por exemplo: quando o enfoque na sessão de treino é a preparação tática, e esta não está sendo assimilada de forma adequada as exigências de posicionamento e deslocamento da equipe, o técnico deve apontar e corrigir os erros, mostrando a forma mais eficaz de resolver a tarefa, antes de progredir com mais informações e novas situações de jogo. Por outro lado, se a equipe está assimilando e desenvolvendo de maneira correta e satisfatória uma determinada movimentação, deve-se passar para outra atividade, evitando, desta maneira, uma insistência desnecessária, que poderá acarretar na diminuição tanto do rendimento físico como da atenção dos atletas.

Sendo assim, todo e qualquer tipo de reajuste e reformulação deve necessariamente ser comunicado aos atletas/alunos, informado-os o porquê da alteração. Essa mudança nos planos, tem que ser, impreterivelmente para o total benefício do trabalho, e os atletas/alunos juntos com o professor/técnico devem ter consciência disso. Nas pequenas reuniões, realizadas anteriormente ao início dos treinos, já se

deve alertá-los dessas possíveis modificações, mesmo que elas não aconteçam.

4.5 Comunicação interna e planejamento.

Certamente, haverá um mediador na relação técnico-atleta / professor-aluno, ou seja, canais de comunicação deverão ser estabelecidos. Seguramente o diálogo será um canal com destaque, porém outro veículo importante refere-se a comunicação escrita. Neste contexto, é possível elaborar, juntamente com o grupo, sobretudo sendo este atletas universitários um veículo escrito de comunicação interna. Este veículo poderá conter informações de interesse geral do grupo.

Todo trabalho competente, começa pela sua organização. O planejamento é o ponto de partida rumo aos objetivos almejados. Segundo Tubino (1979):

“(...) os resultados desportivos são produtos dos descobrimentos científicos que aparecem a cada dia e também do emprego nas organizações de treinamento de uma teoria organizacional em evolução. As organizações de Treinamento Desportivo devem necessariamente atender as referências da lógica, racionalidade, metodologia científica, recursos disponíveis, prazos existentes e das variáveis de intervenção, e nas capacidades e talentos em termos organizacionais dos responsáveis pelo seu desenvolvimento”. (p.119)

Para atingir-se qualquer resultado desportivo, seja na iniciação desportiva ou no treinamento universitário, há necessidade da

formulação de metas alcançáveis a diferentes prazos de preparação e é imprescindível que sejam previstos mecanismos de reajustamentos “feedbacks”, pois certamente surgirão novas variáveis não identificadas no planejamento do treinamento, ou até modificações significativas nas variáveis já consideradas.

Sendo assim, antes de dar início a preparação desportiva, o professor/técnico deve expor de maneira falada e redigida todas as variáveis que compõe o planejamento proposto para a equipe, explicitando de forma esclarecedora todos os objetivos propostos (imediatos, médio e longo prazo), mecanismos empregados para a resolução das tarefas, competições previamente agendadas e possíveis alterações no programa. Deve também, responder à todos os questionamentos dos alunos/ atletas provenientes do planejamento apresentado.

Todas essas informações devem ser de conhecimento dos atletas/alunos. Através de um guia, manual ou de um simples cronograma, o professor/técnico relata tudo que de mais importante acontecerá durante à preparação. Nele pode constar o que será trabalhado em cada sessão de treino em particular; objetivos de curto, médio e longo prazo, data dos principais jogos, eventos e festivais já agendados e confirmados; dia e horário dos treinos durante a semana; além de outros dados que o professor/técnico julgue importante.

O professor/técnico deve ter a preocupação em divulgar todas as informações, pertinentes ao ambiente de trabalho, à seus atletas/alunos desde a iniciação desportiva, despertando logo cedo nas crianças características de organização e responsabilidade.

Através desses cuidados o professor/técnico pode, antecipadamente, tomar conhecimento se algum atleta/aluno terá que

faltar em um dia de treino ou competição, por motivo de prova, viagem, etc, além de facilitar a resolução de pequenos problemas antes que se transformem em crises. Saberá precocemente do que acham do programa e das atividades a serem desenvolvidas, podendo debater os reajustes necessários na programação.

4.6 A importância do técnico/professor em questões extra quadra.

Para Frank L. Smoll (1988):

“O técnico/professor desempenha um papel central e decisivo na definição do ambiente desportivo da juventude, ensinando os elementos da técnica e da tática da modalidade, ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento da respectiva capacidade física. Porém, para além disso, o treinador torna-se um adulto de grande significado na vida do atleta/aluno e consegue exercer influência profunda e positiva no desenvolvimento pessoal e social do jovem”. (p.5)

Mais do que um professor/técnico, somente preocupado com assuntos pertinentes ao âmbito de trabalho, e com uma conduta de relacionamento distante dos alunos/atletas, o profissional de educação física, tem a tarefa de se esforçar ao máximo no que diz respeito à criação de vínculos de amizade com seus atletas/alunos.

Antigamente o professor ou técnico desportivo, possuía uma imagem autoritária, rígida, inflexível, de poucos amigos e poucas conversas, que punia severamente qualquer tipo de erro por parte de seus atletas/alunos, enfim ostentava uma posição de estar acima “do

bem e do mal”. É claro que não se pode generalizar a idéia de que todos os profissionais agiam desta maneira, mais que muitos o faziam isto é inegável. Hoje em dia esta concepção já parece um pouco ultrapassada e sem fundamento, devido a formação de profissionais mais competentes e capazes, detentores do conhecimento das diversas áreas que se interagem para o estudo do esporte.

O professor/técnico deve preocupar-se com alguns aspectos particulares de seus atletas/alunos também fora das quadras, como agem (o que gostam de fazer, para onde vão e o que fazem no seu tempo livre), o que pensam, quais seus planos para o futuro (a profissão a ser escolhida no caso de pessoas mais jovens, na iniciação desportiva, e como estão se saindo como verdadeiros profissionais, no caso de se tratar de uma equipe universitária), como vão nos seus estudos, qual seu ciclo de amizades e influências, etc. Através de conversas diárias que mantém com seus atletas/alunos o professor/técnico acaba cumprindo uma função de conselheiro fundamental e indispensável na vida dessas pessoas.

Preocupar-se não significa intrometer-se de forma inconveniente e imprópria na vida particular dos atletas/alunos. Cada indivíduo tem uma forma diferente de pensar, agir e se relacionar com o próximo. Há atletas/alunos que são mais extrovertidos, com facilidade de expressão e que permitem uma aproximação mais fácil. Há outros que não agem desta maneira, são introspectivos e escondem, em grandes parte das vezes, o que estão sentindo, o que não quer dizer que o professor/técnico não deva aproximar-se e manter uma relação amistosa com eles.

Quando o atleta/aluno percebe, que pode ter com seu professor/técnico uma pessoa de confiança e respeito capaz de ajudá-lo a solucionar seus problemas de ordem particular este o fará.

Cabe ao professor/técnico estar sempre disposto a ajudar `a todos, utilizando-se de conversas e exemplos práticos para dar suas opiniões, sempre de incentivo e ajuda, única e exclusivamente para o total bem-estar e satisfação do seu atleta/aluno.

Outro fator de fundamental importância nesse caso é o relacionamento entre o professor/técnico com os pais de seus atletas/alunos. No treinamento universitário, em questão, a comunicação entre pais e técnicos não acontece, porém, na iniciação desportiva essa relação deve se manter em todos os momentos.

Como afirma Frank L. Smoll (1988):

“O triângulo desportivo formado pelo treinador, pelo jovem e pelos pais é uma componente natural deste nível de atividade desportiva. Ora, atendendo que esta relação é inevitável, o papel do treinador no relacionamento com os pais torna-se como tal muito importante para o êxito da sua função. Em muitos casos sucede mesmo que os pais dos atletas, com os seus esforços e o seu desejo de colaboração, podem contribuir de forma significativa para o sucesso dos programas de atividade desportiva dos filhos”. (p.6)

É necessário lembrar que, a conduta que os pais devem seguir, seja de encorajamento da participação dos filhos na atividade desportiva. Todo e qualquer tipo de atitude que levem os jovens a se sentirem pressionados, intimidados ou subornados deve ser eliminada do ambiente desportivo.

Os pais têm a função de incentivar seus filhos de modo a apoiá-los e motivá-los à prática desportiva, preocupando-se em saber com estão se desenvolvendo os treinos, como vão suas relações com os companheiros, quando são as competições etc. Devem possuir o conhecimento básico das regras e da técnica da modalidade.

O professor é o responsável direto de dar todas as informações à respeito do que está acontecendo na prática desportiva de seus filhos. Cabe ao professor estar sempre disposto à responder as questões que por eles sejam formuladas. Como mostra Frank L. Smoll a comunicação é uma via de 2 sentidos, e que se o professor mantiver abertos os canais de comunicação, é mais provável vir a conseguir uma relação agradável e construtiva com os pais de seus alunos.

Alguns conflitos podem surgir nessa relação se alguns cuidados não forem tomados. Uma causa frequente é a discordância de opiniões sobre as responsabilidades e capacidades da criança. Nesse caso, é preciso que o professor ouça atentamente o que os pais têm a dizer, e que resolva essas pequenas diferenças com educação, calma e respeito. Algumas sugestões podem ser úteis, e até serem incorporadas no trabalho, mas mesmo que não sejam, a virtude de saber ouvir deve estar presente nesse momento.

No convívio com os pais, detecta-se as mais diversas características. Existem os pais desinteressados, que se mantêm ausentes permanentemente na atividade desportiva dos filhos. Os pais super críticos que sempre censuram e parecem nunca estarem satisfeitos com o comportamento desportivo dos filhos. Os pais “treinadores de bancada”, que gritam durante as competições, confundindo e tirando a atenção de seus filhos da partida, através de instruções e xingamentos atribuídos aos praticantes, contrariando, na

maioria das vezes, as instruções dadas pelo próprio treinador, perturbando o funcionamento do grupo. Os pais super-protetores, que ameaçam retirar o filho do desporto pelos perigos que ele envolve. Mas, por outro lado encontramos pais compreensivos e incentivadores, que nos ajudam no desenvolvimento das atividades.

O professor pode vir a encontrar todos estes tipos de pais. Se ele nunca esquecer a importância de manter um ambiente saudável e estabelecer com eles uma boa comunicação, as hipóteses de conseguir alcançar um relacionamento favorável são muito maiores.

Os professores competentes estão conscientes da importância de se garantir o auxílio e o apoio de pais bem informados. Frank L. Smoll, sugere que, em vez de apenas se preocupar com a forma de resolução dos problemas que provavelmente irão surgir no seu relacionamento com os pais dos alunos, a realização de uma reunião com eles no início da época, é uma idéia chave para reduzir a possibilidade de vir a ter experiências desagradáveis. Por outras palavras, o tempo que se pode gastar na preparação e na concretização desta reunião vale bem a pena face ao investimento que é feito. Para isso, Frank L. Smoll, aplica uma proposta de como deve se desenvolver essa reunião:

- o principal objetivo de uma reunião do professor com os pais dos atletas é o de melhorar a forma com que estes entendem a prática desportiva dos jovens;

- um convite pessoal, sob a forma de carta, deverá ser enviado para todos os pais com bastante tempo de antecedência;

- para ajudar a garantir uma boa reunião é absolutamente indispensável que ela esteja bem preparada e organizada;

- durante a reunião, é importante levar os pais à discussão dos temas, formulando para tal perguntas concretas;

- ao dar o necessário destaque aos objetivos da atividade desportiva juvenil, ao estilo de atuação que o professor vai implantar e às responsabilidades dos pais, estão-se a criar as condições de base para a construção de um bom programa de trabalho;

- lembrar sempre aos pais que, enquanto o professor é o responsável pelos alunos ou pela equipe, eles são responsáveis pelo próprio comportamento dos filhos.

- algumas informações de carácter técnico, faz-se necessário de serem divulgadas na reunião, como: equipamento desportivo que vai ser necessário utilizar e alguns locais onde pode ser adquirido; os locais e calendário dos treinos e das competições; a duração do período dos treinos e das competições; as principais regras de funcionamento do grupo; os exames médicos a realizar; os aspectos do seguro desportivo; os projetos de captação de fundos.

A preocupação que o professor deve tomar com todos esses cuidados, de relacionamento com os pais de seus alunos, o ajudarão a otimizar o seu trabalho, possibilitando o estabelecimento de um melhor convívio.

4.7 Atenção e preocupação individualizada no processo de ensino-aprendizagem.

Procurar pelo menos uma observação de ordem pessoal, para cada atleta/aluno, por períodos pequenos de treinamento. Já é, de nossa sabedoria, que o treinamento para se tornar cada vez mais eficiente e satisfatório, deve-se tomar medidas de cunho à individualizar o trabalho proposto. Cada atleta/aluno, como já foi mencionado, possui um conjunto de características peculiares tanto de ordem física como intelectual e

emocional, comportam-se de maneira diferente e respondem de forma particular a cada situação que se apresentam envolvidos. Tendo em vista essa variante, faz-se necessário a individualização dos treinos e aulas.

O autor português Teotônio Lima (s/d) comenta de forma prudente e bastante relevante sobre o caso:

“O relacionamento com os jogadores deverá ir de encontro às necessidades e interesses individuais de cada um de modo a reforçar os interesses coletivos da equipe e do clube ou da coletividade que representam. O treinador deverá atuar cuidadosamente tratando os jogadores no pleno respeito pela sua personalidade sem deixar de atender aos interesses da equipe. É essa atitude que lhe permite exigir aos jogadores o mesmo respeito em relação a si próprio. É óbvio que a conduta do treinador acaba por constituir um “modelo”, positivo ou negativo, que os jogadores observam, avaliam e adotam nas mesmas situações que aquele se manifesta. Assim um treinador insensível às necessidades individuais dos jogadores promove entre estes um procedimento idêntico para com os companheiros, para com a equipe e para com si próprio. O treinador deverá tratar os jogadores com firmeza e justiça se pretende efetivamente conquistar o seu respeito e a sua lealdade. Os jogadores deverão ser tratados com igualdade de modo que esta não seja apenas uma palavra vazia de sentido concreto. É indispensável que os atos do treinador provem na prática que os jogadores são iguais perante o treinador e que o “valor competitivo” de cada um não implica tratamento diferenciado como pessoas”. (p.19-20)

O técnico/professor possui a responsabilidade de dar atenção para todos os jogadores com equilíbrio e igualdade, tratando-os da mesma maneira nos treinos e nas competições, influenciando positivamente na sua conduta perante o grupo. Este procedimento contribui significativamente para criar e consolidar a união da equipe, impedir favoritismos e motivar os atletas/alunos. Esse tipo de atuação é indispensável quando as intervenções do técnico/professor são dirigidas aos aspectos objetivos da preparação dos atletas/alunos e da definição das funções que cada um desempenha na sua prática desportiva.

Dar mais atenção aos melhores atletas/alunos e esquecer aqueles que têm menor capacidade constitui um erro grave que o técnico/professor deve evitar.

As equipes universitárias que revelam conflitos internos por ação de “grupinhos ou panelinhas”, que demonstram falta de coesão e de força coletiva, e nelas se detectam sentimentos prejudiciais de ciúmes e inveja, chegam a essa situação por diferenças de tratamento dado aos atletas.

A distribuição da atenção e a frequência das intervenções do técnico/professor para com os atletas/alunos constituem a chave do relacionamento com o grupo e condicionam a eficácia da orientação dos treinos e aulas da equipe.

Outra componente de importância indispensável no tratamento individualizado, tanto para os alunos da iniciação desportiva como para os atletas universitários, é a comunicação que se deve utilizar.

Para Teotônio Lima (s/d):

“(...) a comunicação é um aspecto do relacionamento com os atletas/alunos que assume especial

importância quando se tem em conta que, por força da formação cultural, alguns compreendem facilmente as indicações verbais, outros seguem com dificuldade a indicação oral das ações, outros necessitam de demonstrações ao vivo e outros ainda preferem uma justificativa racional do que devem executar. Há toda a vantagem em combinar diferentes técnicas de comunicação. Acontece que a maioria dos técnicos/professores comete frequentemente o erro da verbalização excessiva nas suas intervenções, esquecendo que para o atleta/aluno o mais importante é fazer e não ouvir". (p.37)

Na iniciação desportiva torna-se ainda mais evidente a importância da combinação de técnicas de comunicação. Em muitos casos, o aluno não entende o que o professor está explicando e acaba realizando mal, ou ainda, não realizando a tarefa que tem que cumprir. Isto acontece pelo fato que ainda não tiveram o contato com determinados termos e instruções específicas da modalidade do basquetebol. Faz-se necessário nesse momento o desenvolvimento da comunicação através da gestualização do movimento, ou seja, através de um exemplo prático transmitido pelo professor.

No caso de uma equipe universitária, considerando-se o significado do esporte neste contexto é na comunicação entre técnico e atleta universitário, que torna-se indicado que uma das prioridades seja a racionalização do exercício, isto é, torna-se indispensável que o técnico atribua quais são as razões da execução de determinada tarefa, com a preocupação de informá-los e incluí-los na participação efetiva do desenvolvimento da sessão de treino. Toda a metodologia de treino

implantada deve necessariamente ser embasada no conhecimento científico pertinente ao assunto.

É evidente que o mecanismo de comunicação mais eficiente, seja na iniciação desportiva ou no treinamento universitário, é aquele que o aluno/atleta recebe as informações de forma clara e objetiva, ou seja, aquele veículo de comunicação onde os interessados entendam perfeitamente o que o professor/técnico está tentando transmitir.

Pequenas observações de ordem técnica, também devem ser atribuídas aos alunos/atletas, para que estes prestem mais atenção nos detalhes apontados pelo professor/técnico quando estão em atividade durante os treinos. São informações, por exemplo, de como corrigir algum erro, ou aperfeiçoar algo já aprendido e que possa ser melhorado, de um gesto técnico ou coordenativo, em se tratando da iniciação desportiva; ou de um posicionamento que precisa ser ajustado no caso da equipe universitária. É fundamental que o técnico/professor apresente caminhos para as soluções dos problemas enfrentados, ao contrário de simplesmente apontar e criticar negativamente os erros cometidos.

O técnico/professor deve dedicar a sua atenção direta e individualizada a cada um dos seus atletas/alunos pelo menos uma vez por treino. A atenção frequente e a aprovação do técnico/professor são particularmente importantes no caso dos jogadores jovens e dos menos evoluídos, promovendo um maior entusiasmo pela modalidade.

Com esse procedimento do professor/técnico, o atleta/aluno, começa a prestar mais atenção na sua atuação, corrigindo seus erros e aperfeiçoando sua própria técnica.

4.8 Correção de erros através do reforço positivo.

Não incidir as críticas, sobre os mesmos erros, embora eles permaneçam. Nada é mais desestimulante e cansativo, tanto para as crianças no período de iniciação desportiva, como para atletas universitários, do que a incidência de críticas por parte dos professores/técnicos, sempre em cima de um mesmo erro ou deficiência do praticante.

Isto acaba, intimidando e pressionando o atleta/aluno a realizar o que o professor/técnico acredita que esteja fazendo incorretamente, esta é uma conduta equivocada e que nada acrescenta de positivo ao trabalho e ao desenvolvimento individual e de grupo da equipe.

Phil Jackson (1997), aponta a relação técnico e atletas muitas vezes recheadas de tensão, porque o técnico está sempre criticando a atuação de cada atleta, e tentando fazê-lo mudar de comportamento. Trabalhar com um código de regras definidas reduz em muito o conflito, porque despersonaliza a crítica. O atleta compreende que o técnico não o está atacando pessoalmente quando corrige um erro, mas apenas tentando melhorar seu conhecimento do sistema, como um todo.

É evidente, que se deve apontar e corrigir eventuais falhas nos praticantes, porém o mais importante é a utilização de intervenções positivas e de encorajamento em detrimento das punições. Desta maneira eles se sentirão seguros e capazes de enfrentar qualquer tipo de adversidade. Se mesmo com todas essas medidas sendo tomadas, o erro persistir, o professor/técnico deve saber abordar seu atleta/aluno da maneira mais ideal possível. Pode-se valer, de uma conversa particular e descontraída, onde trocarão informações do porquê da reincidência do erro e de como o professor/técnico pode ajudá-lo. Atividades corretivas

podem ser a solução, a estimulação de situações, em que o atleta/aluno se encontre primeiramente numa tarefa que execute com perfeição, para excitar e motivar, ou então, que se sinta menos pressionado e cobrado em realizar o que não faz com tanta eficiência também pode auxiliar na solução do problema.

4.9 Insegurança: aspectos relativos à vitória e derrota no desporto.

Evitar insegurança nos atletas, não fazendo autocríticas (pelos técnicos/professores) constantes, nem colocar em comentários a equipe ou atleta em condições inferiores aos adversários. A insegurança é algo que faz parte do ambiente de trabalho, quando este está concentrado, única e exclusivamente na busca da vitória e da plenitude atlética. A constante cobrança de resultados e conquistas, por parte do professor/técnico em cima de seus atletas/alunos faz com que se sintam sempre pressionados, na incômoda posição de terem que acertar e vencer sempre, custe o que custar.

A busca da vitória, o gosto de vencer, também não pode ser encarado como sendo algo prejudicial na formação do cidadão. Todos gostam de ganhar e se sentem satisfeitos quando isso acontece, independente do que estejam fazendo, e isso é extremamente natural. A sensação de realização nesses momentos de êxito é muito gostosa e gratificante, o que se deve esperar dessa situação é que as vitórias apareçam como frutos de trabalhos bem organizados e corretamente desenvolvidos, as glórias e as grandes conquistas desportivas acabam sendo consequência de tudo isso. O que é prejudicial aos atletas/alunos é a busca desenfreada e obcecada pelos melhores e mais altos

resultados, sem dar valor as atitudes e medidas que levam a este estágio de satisfação e comemoração de resultados.

O caminho que se propõe à seguir é tão, ou mais importante que os resultados em si, e é indispensável a compreensão deste fato.

Outra atitude pouco agradável que costuma ser tomada por alguns professores/técnicos, é desmerecer e menosprezar sua própria equipe. Colocam em condições de inferioridade seus atletas/alunos, exaltando e elogiando a equipe adversária, e criticando negativamente seus atletas/alunos através de insultos, cobranças exageradas e sem fundamentos, e até mesmo com ofensas verbais.

Isso geralmente acontece quando o aluno não consegue desempenhar com êxito determinada função ou quando uma equipe universitária está perdendo determinada partida. Cenas absurdas são proporcionadas no meio desportivo, como técnicos que quase chegam a agredir fisicamente seus atletas, porque em seu julgamento não estão desempenhando de forma adequada sua função no treino ou no jogo. Tal atitude, pouco ou nada representa de positivo à acrescentar ao atleta, pois aumenta a ansiedade e o nervosismo da equipe, pressionando, desconcentrado, e aumentando os próprios erros, além de ampliar a vantagem que o adversário já possui em determinadas situações.

A norma de referência social, que compara indivíduos e grupos e suas ações, onde são usadas normas de valores obrigatórias e unitárias para todo o grupo, não é a mais adequada para ser empregada no meio desportivo. Exigindo que determinado aluno, execute uma tarefa tão perfeitamente quanto à seu colega, ou que um atleta atue tão bem quanto a outro jogador, acaba gerando uma cobrança exagerada no indivíduo, que se torna inseguro e desmotivado. Para uma aprendizagem eficaz que promove o total desenvolvimento de um atleta/aluno, carece `a

necessidade de um mecanismo formado por inúmeras variantes, desta forma, o indivíduo em questão, pode jamais conseguir chegar a atingir o nível de seu colega quando se utiliza a norma de referência social, causando uma frustração que poderá levá-lo a desistência da prática desportiva.

A aplicação de uma norma de referência individual, onde o atleta/aluno compara seus resultados do presente com seus próprios resultados do passado, sua performance numa tarefa que já fora realizada anteriormente, suas conquistas, de acordo com sua própria superação e não com a de outros, é a mais coerente e eficaz, trazendo frutos positivos a curto prazo. Os progressos individuais são mais fáceis de serem atingidos.

Um dos conceitos desportivos que sustentam teoricamente este estudo e que deve ser proposto à alunos de iniciação e também à atletas universitários, é baseado no que diz Frank L. Smoll. De acordo com o senso comum, sucesso no desporto quer dizer vitória. Mas com uma filosofia deste gênero, em que “ganhar é tudo”, os atletas/alunos podem perder oportunidades de desenvolver corretamente suas habilidades, de passar a gostar mais de praticar a modalidade escolhida e de poderem crescer como um pessoa normal. Os professores/técnicos bem formados estão em condições de defender que nesses casos, o sucesso não é sinônimo de realizar com perfeição todas as atividades, ou de ganhar todas as competições em que se participa, nem mesmo o fracasso significa o mesmo que perder. Pelo contrário, a parte mais importante do sucesso do praticante está no esforço que é feito para aprender e para ganhar, e no total empenho dos atletas/alunos. A única variável que eles podem controlar precisamente é a quantidade de esforço e interesse que colocam nas atividades que executam e nas competições que participam,

pois de resto, possuem apenas um controle incompleto sobre o resultado da sua ação.

O interesse e a dedicação dispensados nas atividades e nas competições, são fundamentais para o desenvolvimento integral de atletas e alunos.

Todos essas características de empenho, superação, interesse e dedicação é que devem ser cobradas constantemente dos atletas/alunos, pois esta é a maneira mais sensata e justa de avaliação do trabalho e do desempenho dos atletas/alunos. Através deste caminho que a verdadeira concepção de sucesso se concretiza.

4.10 Espírito de grupo.

A principal característica do trabalho em grupo é conscientizar todos os envolvidos (técnicos/professores e atletas/alunos), que abram mão de seu auto-interesse em prol do bem maior, para que o todo possa ser mais do que a soma das partes.

Uma das preocupações do técnico é despertar este sentimento, para que os atletas/alunos possam se mesclar facilmente uns com os outros. A cultura do basquete, à qual Phil Jackson (1997), se refere no livro "*Cestas Sagradas*", é impregnada de ego, e a sociedade em geral luta contra o cultivo da ação não egoísta, mesmo no caso de membros do time, cujo sucesso individual depende diretamente da atuação do grupo.

Nossa sociedade dá uma importância tão exagerada à conquista individual, que os atletas ficam facilmente cegos com sua própria importância, perdendo o sentido de conexão, que é a essência do trabalho em equipe.

A iniciação desportiva é o momento ideal onde se deve começar a aflorar esse espírito de equipe. É função do professor explorar mecanismos que garantam o implemento desse conceito no ambiente desportivo. As atividades propostas devem estimular a criança a exercer uma ajuda mútua constante com seu companheiro. Para que cada exercício seja realizado com êxito o aluno deve solucionar a tarefa com o auxílio do próximo. Isso desperta uma clima de interdependência no grupo.

Tradicionalmente o ensino desportivo concedia prêmios a conquistas individuais, mesmo se tratando de crianças. O incentivo ao sucesso individual e a atitude egoísta, como caminho para busca de objetivos e realizações, era demasiado. Com a evolução dos métodos de ensino é evidente que isso não passava de um engano que acrescentava somente características negativas ao desenvolvimento do desporto bem como à educação da criança.

É certo que desde a iniciação desportiva a preocupação em consolidar objetivos, tornar o ambiente desportivo mais agradável, entre outros, são aspectos que devem ser contemplados através de esforços conjuntos, da doação de cada um em benefício das metas fixadas por todos do grupo.

Transportando esse conceito para o âmbito universitário, a necessidade em manter um grupo unido e caminhando na mesma direção, também se torna preocupação fundamental do técnico.

Uma variável facilitadora, que se insere nesse caso em particular, é que não há disputas salariais entre os membros da equipe. Sendo assim, os esforços dispensados tem outro significado, como vencer determinado evento. É importante enfatizar que todos os integrantes do

grupo devem se sentir, de alguma forma, responsáveis diretos pelo sucesso do trabalho.

Através da atenção individualizada do técnico, ele concede a cada atleta, responsabilidades que somadas fortalecem o espírito de união do grupo. Quando a equipe realiza um jogo amistoso, ou de um evento, cada atleta deve ter sua atenção e esforços físicos e mentais focados na partida com a finalidade de um objetivo estabelecido pelo grupo, seja ele da vitória ou de uma participação convincente.

Esta tarefa não é fácil de ser atingida, pois a sociedade tem enraizada nos seus conceitos a idéia de que o atleta que atua menos numa partida ou que não atua é menos importante que outro que participou mais tempo em quadra. Não há nenhum problema que os outro pensem assim, mas esta idéia deve estar esclarecida à todos os membros da equipe como equivocada e sem valor. Cada atleta, desde o início da preparação, deve estar ciente que sua dedicação e seus esforços estão direcionados a garantir uma proposta que enfatiza o espírito de grupo e a atitude não egoísta. Na prática, significa que com uma cesta sua não se vence uma partida, tampouco com um erro de seu companheiro não se perde uma partida. O importante é o conjunto, a somatória de todos os esforços.

O técnico/professor diferenciado tem bem definido e incorporado esse conceito e assim, como seus atletas/alunos, se esforça para conseguir a satisfação coletiva e não luta sozinho em busca de uma realização individual.

4.11 Características do técnico/professor.

O técnico/professor tem uma responsabilidade fundamental nas relações individuais e na disciplina da prática competitiva e educacional, as suas ações, opiniões e comentários tem de ser ponderados não só em relação às funções que desempenha mas também em relação aos interesses de desenvolvimento da modalidade.

Muitos técnicos/professores são viciados em controle, mantêm todo mundo, desde os atletas/alunos até os encarregados em outras funções na rédea curta, determinado modelos rígidos para a atuação de cada pessoa. Tudo flui de cima para baixo, e os atletas/alunos não têm coragem de pensar por si mesmos. Isto pode funcionar muito bem em certos casos isolados, mas em geral só contribui para criar ressentimentos, especialmente entre os atletas mais jovens. Outros técnicos/professores adotam a tática do *laissez-faire*. Sem conseguir controlar os atletas/alunos, pois em alguns casos, principalmente técnicos mais jovens ou com menos experiência no esporte que seus atletas, acabam dando a todos total liberdade, esperando que acabem conseguindo, de alguma forma, achar um modo de vencer por si mesmos.

Phil Jackson (1997), analisa esta questão e argumenta de uma maneira que pode ser perfeitamente transferida para a iniciação desportiva e para o desporto universitário:

" (...) a maneira mais indicada é seguir o caminho do meio. Em vez de ficar mimando os jogadores ou, ao contrário, infernizar sua vidas, preferimos criar um meio ambiente acolhedor, que dê tanto apoio quanto uma estrutura ao relacionamento

entre eles, e também liberdade para realizarem seus potenciais. Além disso, tento cultivar a capacidade de liderança de todos, para que jogadores e técnicos sintam que têm seu lugar à mesa. Nenhum líder cria um time vitorioso sozinho, não importa quão talentoso ele seja".
(p.155)

O técnico/professor representa o basquetebol. O comportamento e as atitudes do técnico/professor; o que dizem e o que fazem os técnicos/professores, constituem as referências da modalidade e são parte dos modelos que se condenam ou aprovam, que se eliminam ou que se multiplicam. Se pretende-se o progresso do jogo de Naismith, independente da abordagem que se utiliza para desenvolver o conteúdo do basquetebol, tem que se procurar cada vez mais a formação abrangente (em relação à retenção de conteúdos da diversas áreas de intervenção), consciente e competente dos técnicos/professores que são modelos imprescindíveis da prática desportiva.

Tanto para o aluno de iniciação como para o atleta universitário, um dos maiores referenciais de modelo a ser seguido, senão o maior e mais importante, é a figura do técnico/professor. Apesar da afirmação parecer num primeiro momento inquestionável quanto a sua veracidade, ainda são poucos os profissionais que zelam e se dedicam em transmitir o melhor exemplo possível à seus atletas/alunos.

Todo ser humano é passível de cometer erros nas suas ações cotidianas, isso também é transportado para o ambiente desportivo, onde o mesmo acontece. Não é correto a pregação de uma postura perfeitamente correta, abdicada de qualquer tipo de falha ou engano na conduta, pois estaria cometendo-se um perigoso equívoco. O que é

extremamente válido é a conscientização que erros irão sempre acontecer por mais competente que seja o desenvolvimento do trabalho, para tanto, a discussão e a reflexão frente à esses momentos servem de suporte indispensável para prevenir e evitar novos erros. O técnico/professor competente soluciona esses “pequenos problemas” antes que eles se transformem em crises, colocando em risco o cumprimento dos objetivos à serem alcançados.

Quando se discute a autenticidade de um modelo que servirá de ferramenta para uma vida desportiva e pessoal saudável do atleta/aluno, cabe ao técnico/professor a responsabilidade de cercar sua conduta intra e extra quadra com alguns cuidados, pois desta maneira despertará entre os atletas/alunos admiração, confiança e respeito.

Dale Brown, da Universidade do estado de Louisiana sugere algumas qualidades que devem estar presentes em um técnico/professor diferenciado:

Autenticidade: seja você mesmo. Não transmita aos atletas/alunos e aos envolvidos uma idéia da qual você não acredita. Nunca imite os outros.

Auto confiança: acredite no seu potencial e no seu trabalho.

Seja simples: nunca complique as coisas, seja objetivo.

Tenha formas de disciplina: - atleta/aluno deve aprender a colocar a equipe acima de tudo, - o espírito de união pode fazer milagres.

O técnico deve ser firme. O atleta/aluno deve executar o que for determinado.

O técnico deve ser positivo. Encontrar soluções para os problemas.

Deve ser consciente. Não fazer diferenças entre os atletas/alunos. As críticas devem ser sempre no sentido de melhorar e elevar a moral da equipe “O técnico que usa o medo como motivação se auto-destrói”.

Ter uma equipe de pessoas leais e confiáveis. “O meu potencial é o nosso potencial”.

Esperar e aceitar críticas do outros.

Acreditar em si próprio. “Aquilo que você é, e aquilo que você pretende ser, começa com você acreditando em si próprio”.

No livro “*Cestas Sagradas*” há uma importante citação de John Heider (1997) *appud* Phil Jackson (1997) no que diz respeito ao modelo de atuação de um técnico:

” O líder sábio serve à todos: é receptivo, flexível, e um seguidor. A vibração dos membros do grupo domina e conduz, enquanto o líder a segue. Mas em pouco tempo, é a consciência dos membros do grupo que é transformada. É tarefa do líder prestar atenção ao processo que ocorre com os membros do grupo; é a necessidade do membro do grupo ser aceito e ouvido com atenção. Os dois obtêm o que precisam, se o líder tiver a sabedoria de servir e seguir”. (p.75)

Em termos de liderança, isto significa tratar a todos com o mesmo cuidado e respeito que dedica a si mesmo - e também tentar entender a realidade dos outros, sem julgamento. Quando se consegue realizar isso, têm-se a sensação que todos compartilham da mesma condição humana, as mesmas lutas, os mesmos desejos e sonhos. Com esta percepção, as barreiras entre as pessoas suavemente desmoronam, e começa-se a compreender de forma direta e notável que todos são parte de algo maior que a soma das individualidades.

Aliado a todas essas características a habilidade de se relacionar com o grupo, ou seja, um indivíduo com apurada inteligência interpessoal, faz deste um profissional cada vez mais capacitado em desenvolver um trabalho satisfatório, independente do seu público alvo, crianças na iniciação desportiva ou jovens e adultos no treinamento universitário, contribuindo de forma consistente e concreta na formação desportiva e social de todos os membros do grupo.

5. Considerações Finais.

A dificuldade em encontrar material bibliográfico para o embasamento teórico sobre o tema é reflexo da carência de estudos já desenvolvidos sobre a relação interpessoal professor-aluno, técnico-atleta.

O conhecimento teórico e prático para solucionar problemas relacionados com a parte tática, técnica e física de uma equipe de iniciação desportiva ou de treinamento universitário, é necessário e indispensável aos profissionais de Educação Física. Contudo, dominar específica e exclusivamente este conteúdo não é suficiente para professores e técnicos desenvolverem um trabalho ainda mais capacitado e eficiente. Este estudo, através de toda sua argumentação, teve a preocupação em alertar e despertar o interesse em cima de outro aspecto tão importante e fundamental quanto os demais, a relação interpessoal professor-aluno, técnico-atleta. A necessidade em transcender o que já foi, e ainda é, importante objeto de estudo, justificase pelo interesse do esporte estar ampliando, otimizando e até modificando seus conceitos com o intuito de evoluir e aprimorar seus mecanismos de atuação, seus significados e funções.

Se a preocupação que gira em torno do esporte se limitar em estudar e explorar somente o seu lado tático, técnico e físico, estaremos restringindo o esporte ao jogo, sem se preocupar com quem realmente deve merecer total atenção e dedicação, o indivíduo.

No jogo, o importante não é o jogo e sim quem joga. Questionando essa afirmação chega-se a conclusão que o indivíduo que está praticando atividade desportiva ainda não foi reconhecido como sendo o principal objeto de discussão e estudo. Restringir o esporte ao

jogo acarretaria na transmissão unilateral de informações que levariam o indivíduo a expressar apenas gestos robotizados, sem nenhum valor ao praticante, menosprezando a maior manifestação que o esporte permite exercer, que é a expressão da criatividade, da participação, da auto-estima, do auto-conhecimento e da auto-superação.

É através da sabedoria, que professores e técnicos conseguirão transmitir aos seus alunos e atletas ensinamentos que transcendem as linhas limítrofes da quadra. O estudo realizado também tem a pretensão em argumentar que um meio eficiente para que isso se concretize é através das relações estabelecidas entre professor-aluno, técnico-atleta. Descartando esse relacionamento torna-se difícil garantir e manter um ambiente de trabalho favorável ao cumprimento dos objetivos traçados pela e para a equipe.

A temática desenvolvida mostra aos leitores a importância desse relacionamento, onde o foco de atenção é único e exclusivamente direcionado ao indivíduo. Todos os mecanismos e estratégias apresentados são analisados e explorados de maneira a potencializar o desenvolvimento do indivíduo no esporte, e por apresentar sua perspectiva educacional, eleva-o na sua totalidade como cidadão.

6. Referências Bibliográficas.

DAIUTO, M. **Basquetebol: metodologia do ensino.** São Paulo: Ed. São Paulo, 3ª ed. 1971, 257 p.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas. A Teoria na Prática.** Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1995, 417 p.

JACKSON, P. **Cestas sagradas. Lições espirituais de um guerreiro das quadras.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997, 222 p.

LIMA, T. A relação do treinador com os jogadores, árbitros e dirigentes.
in: Selecionar, dirigir, preparar: Tarefas do Treinador. Comunicações do 1º clinic ANTB, p 17-54.

PAES, R. R. Esporte Educacional. *in: Esporte Educacional. Uma proposta renovada.* Recife: Ed. MEE/INDESP, UPE-ESEF, 1996, 133p.

SMOLL, F. L. **A comunicação do treinador com os pais dos atletas.** Ed. Desporto, 1988, 35 p.

TANI, G. Esporte e Técnica. *in: Esporte & Jornalismo.* São Paulo: Ed. CEPEUSP, 1997, 341 p.

TUBINO, G. **Metodologia Científica do Treinamento Desportivo.** São Paulo: Ed. IBRASA, 11ª ed. 1979, 435 p.

6.1 Bibliografia complementar.

JONES, C. **The Story of a Game**. Onset Productions Pty & ISL Marketing AG, PolyGram Vídeo, uma fita de vídeo, 120 min.

DUARTE, M. **Guia dos curiosos**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1996, 614 p.